

O rico e Lázaro

A história do rico e Lázaro compara a vida de dois homens – um era rico; o outro, pobre. Como veremos, a comparação ultrapassa os limites desta vida e inclui eventos da próxima. Assim Jesus descreveu o primeiro.

Havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente. (Lucas 16:19)

A breve descrição introdutória não diz muito, mas foi o bastante para que seus primeiros ouvintes tivessem clareza do que Ele estava falando. O homem não era apenas rico, mas fazia questão de se ostentar com suas roupas. No dia a dia, vestia púrpura, um luxo reservado para os riquíssimos. O corante usado nesse tecido provinha de um molusco conhecido como murex e envolvia um processo muito trabalhoso, o que encarecia o produto final. A realeza e outros de elevada posição social usavam trajes púrpura.



Ele também se vestia com linho finíssimo. A palavra grega original usada neste caso qualifica o tecido como delicado, macio e muito caro. As vestes brancas de linho sob os robes púrpura indicavam grande afluência. Além disso,



banquetes suntuosos faziam parte de seu cotidiano. Tanto nesta introdução quanto em outro ponto da história, fica claro que o homem era riquíssimo e que não se privava de desejo algum.

Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele, e desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico. Os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas. (Lucas 16:20-21)

Lázaro é tão pobre que tem de mendigar comida. Sua saúde era ruim, sua pele tomada por chagas, e ele não podia caminhar, pois tinha as pernas paralisadas por ser tão fraco e doente. Lázaro precisava que outros o levassem para o portão do homem rico todos os dias para que pudesse mendigar, na esperança de receber alguma comida que caísse da mesa do dono da casa.

Nos banquetes, os convidados usavam pão para pegarem a comida servida de uma mesma tigela. No decorrer da refeição, quando queriam limpar as mãos, usavam um pedaço de pão o qual depois jogavam sob a mesa. Esse era o alimento que Lázaro esperava receber.

O miserável sabia que sua fome podia ser saciada se tão somente lhes fosse dada parte do que caía no chão durante os banquetes diários. Contudo, sentado ao portão da casa farta, aquela comida lhe era negada, ou, se de vez em quando



lhes davam algo, não bastava para aplacar sua fome. Os cães lambiam as feridas de Lázaro. O fato de suas chagas serem lambidas por cachorros tornava o pedinte impuro para fins de ritual.

A situação de Lázaro era deplorável. Incapaz de andar, coberto de feridas, sempre com fome e completamente dependente de outros que o levassem de um lugar para o outro, sentava à porta de uma casa rica, cujo dono, aparentemente, o ignorava. Além de ser impuro no tocante aos rituais religiosos, era, socialmente excluído.

A parábola continua:

Morreu o mendigo e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão.
(Lucas 16:22)

Ser levado ao seio de Abraão ou estar ao seu lado, como se encontra em algumas traduções, expressa que o morto passou a desfrutar de um estado abençoado, como o dos que dividem a mesa com os patriarcas, conforme lemos em Mateus 8:11:

Muitos virão do Oriente e do Ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó, no reino dos céus.

Lázaro, que jamais fora convidado para os banquetes do homem rico, que desejava ser alimentado com o que caía da mesa, agora senta-se confortavelmente em lugar de honra, em um banquete, ao lado de Abraão, o pai da fé.



A experiência do homem rico, contudo, é muito diferente.

Morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, ergueu os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio. Então clamou: "Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama." (Lucas 16:22-24)

Ao falecer, esse homem, cujo nome desconhecemos, certamente teve um funeral caro. Entretanto, sua existência a partir de então passou a ser bem diferente do que era quando estava na terra. O que se banqueteara em mesa farta de comida e vinho é quem agora sofre necessidade e precisa que outros o ajudem.

Invocou Abraão, tomando o cuidado de lhe chamar "pai", possivelmente para lembrar ao patriarca de que era descendente judeu, na esperança que se sentisse por isso na obrigação de ajudá-lo.

Neste ponto da parábola, uma revelação surpreendente: o homem rico sabia o nome de Lázaro. Aparentemente, estava bem ciente da existência daquele que todos os dias passava extrema necessidade à sua porta. Contudo, em vez de manifestar remorso, instrui Abraão a enviar Lázaro para que lhe preste um serviço.



Kenneth Bailey expressou bem a situação no comentário abaixo:



A primeira exigência do rico é inacreditável. Ignorou Lázaro quando este padecia. Agora que os papéis se inverteram, é preciso que seja feito algo imediatamente! Afinal, ele não estava habituado àquela situação. Em vez de pedir desculpas, exige ser servido — e pelo homem a quem negou ajuda, apesar de sua grande riqueza! Não dava ao mendigo nem mesmo comida de cachorro. Na prática, o que ele estava dizendo era: “Agora que Lázaro está se sentindo melhor e se recuperou, gostaria de solicitar alguns serviços. Considerando quem sou e que ele é da casta dos servos, faz sentido que me sirva. Envie-o aqui em baixo, Abraão — e vamos rápido com isso. Não sou o Lázaro e não estou acostumado com desconfortos!”

Não há sinal de remorso nem pedidos de perdão, apenas o egoísmo e egocentrismo de sempre.

Mas Abraão respondeu: “Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, ao passo que Lázaro somente males, mas agora ele é consolado e tu atormentado.” (Lucas 16:25)

Abraão não responde com aspereza, mas o chama “filho” e diz para o homem pensar na vida que tivera e todas as regalias que recebera — muito diferente do que fora a de Lázaro. Abraão lhe fez lembrar que o que o rico possuía não era na verdade dele, mas um empréstimo de

Deus, para que fosse usado com sabedoria. Agora, sua vida terrena havia chegado ao fim e, por conta das suas ações, passava por angústias.

Abraão disse:

“Além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem os de lá passar para cá.” (Lucas 16:26)

O homem rico então tem outra coisa que quer que Lázaro faça.

Respondeu ele: “Rogo-te, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos. Que ele lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento.” (Lucas 16:27-28)

Percebendo que sua situação não mudaria, pede que Lázaro seja enviado em uma missão, para alertar seus irmãos. Vê que o mesmo destino os aguarda, pois muito provavelmente viviam como ele, perseguindo prazeres egoístas sem nenhum interesse pelos que precisam de assistência.

Disse-lhe Abraão: “Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos.” (Lucas 16:29)



Abraão diz que eles têm os cinco livros de Moisés, a Torá, assim como os livros dos profetas, — Nevi'im, em hebraico. Em outras palavras, explicou que as Escrituras, a Palavra de



Deus escrita, bastavam para instruir seus irmãos sobre como viverem de forma íntegra e terem fé. Se ouvirem essas palavras, ou seja, se lhes obedecerem e as praticarem, não terminarão como o irmão.

O homem rico insatisfeito com a resposta e acostumado a que suas vontades fossem feitas, contra-argumentou.

Disse o rico: “Não, pai Abraão, mas se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam.” (Lucas 16:30)

Chega a ser irônico, considerando que ele próprio não mostrou nenhum sinal de arrependimento, apesar de estar vendo “um dos mortos”, Lázaro, sentado à mesa com Abraão. Contudo, está convencido de que se Lázaro aparecer aos seus irmãos, eles se arrependerão. Abraão explicou que não era bem assim.

Respondeu Abraão: “Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos volte à vida.” (Lucas 16:31)



Apesar de não estar especificado, pois as parábolas não oferecem muitos detalhes nem fatos históricos, é possível que o homem rico e seus irmãos fossem saduceus, membros da aristocracia de Israel, muitos dos quais eram muito ricos.

Seus adeptos não acreditavam que a vida continuasse após a morte. Não havia nenhuma expectativa de que houvesse algum tipo de continuação desta vida. Por isso, o máximo que se poderia esperar era ter uma vida próspera e feliz, morrer em paz e ser sepultado com honras. A parábola de Jesus, porém, mostrou que não era assim. Ao contrário do que criam os saduceus, o homem rico descobre que há vida depois desta e que nossas ações na Terra produzem consequências na vida após a morte.

Não está claro se os irmãos eram ou não saduceus, o que não deixa dúvida, porém, é que o homem rico sabia que não obedeciam à Palavra de Deus e que acabariam na mesma condição que ele, se não recebessem algum sinal. Todavia, Abraão disse que nenhum sinal lhes seria dado, pois tinham a seu dispor a Palavra de Deus e que isso bastava. Conheciam o suficiente a Torá, as Escrituras, para saber que o Deus disse sobre como viver com justiça e como tratar os pobres.

O que, então, Jesus estava ensinando com essa parábola?

Nossa maneira de viver afeta nosso futuro eterno. Nossas ações e omissões influenciam não apenas a vida hoje, mas por toda a eternidade. Devemos ser cuidadosos com as escolhas que fazemos, como nos conduzimos, como usamos nosso dinheiro, nossos bens e como tratamos os que estão passando necessidade. A soma de nossas decisões, escolhas e ações não apenas nos fazem o que somos hoje, mas afetam nosso futuro da vida após esta.



www.freekidstories.org